

# MANUEL, ROSA, SEBASTIÃO, CORISCO, ANTÔNIO E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO OU DE COMO CONSTRUIR RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM EMANCIPATÓRIAS

*MANUEL, ROSA, SEBASTIÃO, CORISCO, ANTÔNIO AND NEW EDUCATION  
TECHNOLOGIES OR HOW TO BUILD EMANCIPATIONAL LEARNING  
RELATIONSHIPS*

---

Sebastião Donizete de Carvalho 1  
Evandro Salvador Alves de Oliveira 2

---

**Resumo:** Usando como paradigma personagens do filme Deus e o Diabo na terra do Sol de Glauber faz se um estudo sobre o uso das novas tecnologias na educação brasileira, objetivando superar a análise simplista de que a solução para a crise do sistema educativo reside na utilização de instrumentos da sociedade da informação. Assim utilizando os conceitos de modernidade e pós-modernidade e seu ingresso no Brasil, país desigual e excludente, que ainda não gera aprendizagem para todos e todas que estão na escola. A análise crítica e contextualizada que aqui se encontra é ancorada no método qualitativo, parte de uma revisão narrativa da literatura e da análise fílmica. Trata-se de uma reflexão que visa apontar possibilidades de saída com base na ideia de Estado Social da Constituição de 1988, na compreensão da aprendizagem como processo complexo e vital emancipatório que se desenvolve num espaço e numa história específica e, em que pese, a estrutura educacional propiciar a exclusão é possível buscar alternativas que integrem a aprendizagem significativa e as novas tecnologias como processo sinérgico de construção de nova forma de educar a todos e a todas.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologia. Exclusão. Desigualdade. Novas Tecnologias Digitais. Aprendizagem Emancipatória e Ecológica.

**Abstract:** Using characters from Glauber's film God and the Devil in the Land of the Sun as a paradigm, a study is made on the use of new technologies in Brazilian education, aiming to overcome the simplistic analysis that the solution to the crisis in the educational system lies in the use of instruments of the information society. Thus using the concepts of modernity and post-modernity and its entry into Brazil, an unequal and exclusionary country, which still does not generate learning for everyone who is at school. The critical and contextualized analysis found here is anchored in the qualitative method, part of a narrative review of literature and film analysis. This is a reflection that aims to point out possible solutions based on the idea of the Welfare State of the 1988 Constitution, on the understanding of learning as a complex and vital emancipatory process that develops in a specific space and history and, despite the educational structure promotes exclusion, it is possible to seek alternatives that integrate meaningful learning and new technologies as a synergistic process of building a new way of educating everyone.

**Keywords:** Education. Technology. Exclusion. Inequality. New Digital Technologies. Emancipatory and Ecological Learning.

---

1 - Doutor em Educação (PUC-GO). Professor titular do Centro Universitário de Mineiros. Diretor do Campus Trindade da UNIFIMES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0438200414564290>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7218-2948>

2 - Pós-doutor em Educação (USP). Doutor em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Doutor em Estudos da Criança pela Universidade do Minho (UMINHO-Portugal). Docente do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) e do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5274236766335775>. ORCID: 0000-0003-2228-9776. E-mail: [evandro@unifimes.edu.br](mailto:evandro@unifimes.edu.br)

## Introdução

O presente texto discutirá o uso das novas tecnologias, mediadas pela Rede Mundial de Computadores e por equipamentos tecnológicos no processo de aprendizagem que ocorre em realidade concreta: a sociedade brasileira do século 21.

A base teórica para a análise será a análise dos conceitos de modernidade, de pós-modernidade, de educação e de aprendizagem significativa, como apoio a esse tecido construído serão utilizados os personagens Manuel e Rosa (vaqueiros), Sebastião (beato místico), Corisco (cangaceiro) e Antônio das Mortes (pistoleiro) como arquétipos para compreender a insuficiência da aplicação de novas tecnologias na educação sem considerar o contexto e a história do Brasil. Trata-se de uma análise crítica do uso de novas tecnologias na educação, mas isso não quer dizer que não se deva utilizar esse aparato nas escolas, o que se propõe, ao final, é que é preciso ter pelo menos pré-condições para seu uso: garantir políticas públicas previstas e garantidas na Constituição de 1988 e que é preciso superar pedagogias excludentes e retrógradas, buscando uma pedagogia emancipatória, complexa e geradora de ecologias vitais.

Este artigo foi apresentado como Trabalho de Conclusão da Especialização Lato Sensu de Tecnologias Digitais na Educação, promovido pelo Núcleo de Pós-Graduação do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES.

## **Tudo junto e misturado: sociedade brasileira desigual entre o moderno, o pós-moderno e o reacionário**

Em 2020 publiquei o livro: O Povo Messiânico – o messianismo político em Glauber Rocha (Carvalho, 2020). Nessa obra, analisando a filmografia do cineasta baiano vislumbrei que todos os seus filmes apresentavam uma faceta de um projeto de nação preconizado por Glauber e por toda uma geração. Essa ideia estava presente nas Ligas Camponesas de Francisco Julião (Aguiar, 2014), na alfabetização popular de Paulo Freire (Gadotti, 1997), no Teatro do Oprimido de Augusto Boal (Boal, 2019), na cultura dos Centros Populares da União Nacional dos Estudantes (Lovatto, 2010), no Teatro de Opinião de José Celso de Martinez Correa (Kuhner, 2001), no projeto de universidade brasileira de Darcy Ribeiro (Camargo, Nogueira, 2022), na música popular (Velo, 2017), enfim, o Brasil que poderia ter sido, mas não foi.

Uma das formas mais conhecidas de Glauber se expressar foi o filme Deus e o Diabo na terra do sol (2020), neste artigo utilizarei arquétipos que se baseiam em personagens sínteses da filmografia dele para a compreensão do Brasil e as aplico aqui para tratar do uso de novas tecnologias na educação, mas antes de chegar aos vaqueiros Manuel e Rosa, ao beato Sebastião, ao cangaceiro Corisco e ao pistoleiro Antônio das Mortes, vamos fazer uma digressão sobre a modernidade ocidental e a brasileira em particular.

O país ansiava por modernidade, expressa em todos estes movimentos citados acima e concretizada pela retomada da democracia em 1946 e pela construção de Brasília, mas devido a ameaça de reformas inclusivas no Estado brasileiro com vistas a reduzir a desigualdade abissal, houve uma conjunção de fatores que culminaram com o Golpe Civil-Militar em 1964, tal movimento foi possível devido a intensa propaganda junto à população, financiamento de campanhas políticas pela Agência Americana de Inteligência – CIA, apoio militar dos EUA, união de religiosos conservadores, medo do que se chamava de comunismo e organização intensa da direita (Dreifuss, 1981). Há que se destacar que havia uma miopia nos setores da esquerda aliadas ou não do Governo Federal (Moraes, 2024). O aríete de tomada do Estado foram os militares que durante o século XX espreguiçavam o poder civil com o intuito de controlá-lo para garantir o desenvolvimento com segurança e sem oposição. No dizer de Sobral Pinto: “Eu considero o desastre do Brasil a Proclamação da República pelos militares, os militares tendo proclamado a república julgaram-se donos da república, e nunca aceitaram não serem os donos da república” (Sobral, o homem que não tinha preço, 2012).

Estes conjuntos de movimentos conjunturais ou estruturais se inserem no período

que se denomina modernidade. Para a maioria dos autores a modernidade começa no século XVI e é caracterizada como a era da razão, da produção industrial, dos estados nacionais e da burocratização. Weber descreve-a como a época da secularização, da racionalidade e do desencantamento (Weber, 1995). Lyotard (1998) para analisar a pós-modernidade a define como a era das metanarrativas, onde seja, as grandes narrativas da História, do Estado, da Família, da Razão que eram grandes ideias seguidas pelos homens e que lhes davam referência para a vida. O iluminismo, através da modernidade, fez grandes promessas – as metanarrativas - não cumpridas à humanidade, substanciadas nas ideias do progresso ilimitado, da família patriarcal, do pensamento racional, da história linear e inevitável, do estado promotor de bem-estar social e neutro e da suposta segurança no curso da vida.

Do ponto de vista político a modernidade é dividida em capitalismo e socialismo real, assim se insere nesse período tanto os movimentos de mudança no Brasil quanto a ditadura militar, aliás esta também estava limitada pela modernidade. Essa modernidade do período ditatorial se caracteriza pelo crescimento e desenvolvimento do país com a ideologia da segurança nacional. Uma geringonça que une planejamento e progresso, que é da modernidade, com segurança e ordem que é uma ideia força pré-moderna (Motta, 2014).

A modernidade, por sua radicalização, foi produzindo movimentos críticos. Um desses aconteceu na Escola de Frankfurt (Wiggershaus, 2002), lá promoveu-se uma crítica racional a razão através das teorias marxistas e cunhou-se a expressão Industrial Cultural. A intenção da Escola era revelar a estrutura ideológica típica da sociedade moderna. Para os frankfurtianos o conceito de Indústria Cultural junta a adesão à concepção marxista de compreensão do processo produtivo com a difusão da cultura feita pela escola (Strinati, 1999). Para eles a comunicação de massa feita pela Indústria Cultural exercia um controle absoluto sobre as pessoas.

Adorno, um dos principais membros da Escola, irá aplicar a teoria do fetiche da mercadoria à cultura, partindo desta famosa afirmação de Marx:

Portanto, o mistério da forma da mercadoria é o fato de o caráter social do trabalho tornar-se uma característica objetiva, uma qualidade social natural do produto do trabalho. A relação dos produtores com o resultado de seu trabalho é apresentada como uma relação entre coisas, e não entre trabalhadores. Por meio dessa transferência, os produtos do trabalho tornam-se mercadorias, coisas sociais, cujas qualidades são simultâneas, perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos (...). É simplesmente uma relação social exata entre os homens, que assumem a fantástica forma de uma relação entre coisas (...). Denomino isso de fetichismo. Ao serem produzidos como mercadorias, o fetichismo fixa-se aos produtos do trabalho, tornando-se, portanto, inseparável da produção (Marx apud Strinati, 1999, p. 66)

Adorno estende essa teoria do fetiche da mercadoria aos bens culturais produzidos pela comunicação de massa, “pertencem totalmente ao mundo das mercadorias, são produzidas e direcionadas para o mercado” (Adorno apud Strinati, 1999, p.67).

O grande desenvolvimento técnico, o poder inquestionável do mercado, a ampliação da sociedade de consumo, as promessas iluministas não cumpridas, a difusão do conhecimento acirrou as condições sociais produzindo um novo conjunto de mudanças denominado pós-modernidade. Chegou-se a falar em fim da história, sociedade pós-industrial, sociedade cibernética.

A sociedade moderna constituiu-se em ideias-força ou, conforme, Lyotard (1998) em metanarrativas: Estado, História, Justiça, Direito, Educação, Família e Religião. O homem moderno fez destes grandes relatos sua morada e amparo. Para Althusser (1980), marxista francês, estes eram os aparelhos ideológicos de reprodução da sociedade capitalista, presentes na superestrutura social para defender os interesses econômicos da burguesia. As respostas

às mazelas humanas eram encontradas nas ideias-força. Estas instituições são criaturas que ganharam vida própria, como se fossem sagradas e intocáveis. As metanarrativas deram à sociedade uma unicidade gerando segurança para as pessoas, tanto que a relação era entre as instituições mediadoras e o indivíduo.

Na sociedade ocidental os grandes relatos sempre funcionaram como mediadores entre o indivíduo e o aparelho. Atenuando a dureza da realidade e dando segurança às pessoas. Por se basear em instituições, supostamente, estáveis e resolvidas a modernidade gerava segurança e previsibilidade.

Giddens (1991) afirma que esse período é de modernidade radicalizada. Ele traça um perfil da alta modernidade através do diagnóstico de que os indivíduos foram desincorporados dos contextos tradicionais de confiança, as famosas metanarrativas de Lyotard, sendo a modernidade a era da indagação racional permanente o que produziu um desencaixe dos seres humanos por causa da mudança de apropriação tempo e espaço. Para ele esse é o tempo do conhecimento onde o homem adquiriu capacidade de reflexividade na produção do resultado de suas ações. A capacidade de reflexão que o ser humano adquiriu na alta modernidade pode ser assustadora ou liberadora. O que recoloca o problema do individualismo.

Giddens (1991) afirma que nos tempos modernos o homem carecia de relações sociais de fundo comunitário que vinculavam as atividades a um local e encontros pessoais. Hoje com a reflexividade perdeu-se essa mediação. O que substituiu a relação é a confiança devotada aos peritos ou especialistas. Confiar nos sistemas peritos é um risco, mas torna o homem mais autônomo frente à vida e a moral de caráter religioso ou sideral (Giddens, 1991).

A pós-modernidade é face da mesma moeda mercadológica. Para Giddens (1991) é a alta modernidade. Para Lyotard (1998) é a era dos pequenos relatos. Jameson (1997) a trata como a fase do capitalismo tardio. Bauman (1999) a caracteriza como ambivalente e líquida.

A Pós-modernidade é a era do fragmentário, do diverso, da alteridade, do ambivalente, do fim dos grandes relatos. Mas, para surpresa de todos os teóricos da pós-modernidade vê-se o renascimento de mitos arquetípicos, de busca do subjetivo, de uma nova espiritualidade. Assim, a contradição é característica da pós-modernidade ao mesmo tempo que temos a afirmação do movimento identitário LGBTQIAPN+ há uma defesa intransigente da família tradicional que é patriarcal, heteronormativa, baseada na submissão da mulher e na obediência dos filhos.

Para Jameson

“(…) com a pós-modernidade, (a globalização) finalmente dissolve o cultural no econômico – e o econômico no cultural. A produção de mercadorias é agora um fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato. Surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre a cultura e a economia, e se inclui certamente entre as inúmeras nos levar a questionar nossas ideias a respeito da estética). A erotização é uma parte significativa do processo: os estrategistas publicitários são verdadeiros marxistas-freudianos que entendem a necessidade de investimentos libidinais para realçar seus produtos.” (JAMESON, 2001, p. 22).

A educação escolar é produto direto da modernidade. É um ideal do estado nacional, da república em particular, educar o povo, hoje entendido como educar a todos e todas. Para Foucault (2004) a escola republicana moderna se inspirou no panóptico de Jeremy Bentham (1791), ou seja, o modelo arquitetônico das escolas é semelhante a uma prisão, como explica o francês:

Nesta torre central, o diretor pode espiar todos os empregados que têm sob suas ordens: enfermeiras, médicos, capatazes, professores, guardas; ele será capaz de julgá-los continuamente, alterar seu comportamento, impor-lhes os métodos que achar melhor; e ainda será possível observar

o próprio diretor. Assim, todos estão presos na máquina, aqueles que exercem o poder e aqueles que estão sujeitos a ele. Ao induzir um estado de visibilidade consciente e permanente, o panóptico ‘transforma o recluso no instrumento de sua própria subjugação, garantindo assim o funcionamento automático do poder. É simultaneamente individualização e totalização (Foucault, 2004, p. 204).

O objetivo da escola de acordo com essa técnica disciplinar é criar “um corpo dócil que pode ser submetido, usado, transformado e melhorado” (Foucault, 2004, p. 135).

Observemos que a escola padronizada da modernidade guarda razoável distância do conceito etimológico da educação, essa palavra decorre do latim educere que é tirar de dentro ou conduzir por um duto para fora, mas também é educare que é nutrir, alimentar. Na origem, então, educação é um movimento dialético entre o que está dentro (conduzir para fora) e o que vem de fora (nutrição). Ducere é o movimento de ir de lugar para outro, é condução orientada, momento que este conceito se cruza com o do pedagogo, que era o escravo que conduzia a criança para o local da aprendizagem. No caminho se aprende.

Aqui se reside a contradição explicitada por este texto. Fala-se de educação com novas tecnologias como procedimento para ampliar a aprendizagem das pessoas que cursam a educação superior no Brasil. Este país que em 1964 tinha mais de 82 milhões de habitantes, mas somente 143 mil alunos na educação superior. Hoje entre as pessoas de 18 a 24 anos somente 17,7% estão cursando a universidade, segundo dados do Censo da Educação Superior do Ministério da Educação.

Florestan Fernandes (1989) dizia que o Brasil é o país dos acordos mal resolvidos feitos por cima como transições negociadas vistas com espanto e admiração como o vaqueiro presente na pintura Independência ou Morte de Pedro Américo (Carvalho, 2019). No dizer irônico de Lampedusa (1958): se queremos que fique como está, é preciso que tudo mude. No caso as mudanças são cosméticas. Uma aparência de novo, mas carcomido: “por fora bela viola, mas por dentro pão bolorento”.

Aqui a gente muda tudo para nada mudar. Essa síndrome pode estar ocorrendo na educação superior brasileira, agora se reveste de novas tecnologias, de meritocracia e gerencialismo para que pareça tudo é novo como um remendo em pano velho.

## **Manuel e Rosa, Sebastião, Corisco e Antônio e as novas tecnologias**

Neste artigo trato dessa ideia de modernidade e pós-modernidade que também está presente quando se discute a educação superior nos dias de hoje, para fazer isso vou partir da ideia de arquétipos de Carl Jung, por analogia. Segundo ele, de forma muito simplificada, estes são padrões de comportamento que são associados a uma personagem ou a um papel social (JUNG, 2011).

As personagens são tiradas do filme de Deus e o Diabo na Terra do Sol de 1964 (2020).

O filme Deus e o Diabo na Terra do Sol foi feito em 1963 em Preto e Branco é um drama que tem um formato de faroeste que se passa no Nordeste do Brasil. Manuel (Geraldo Del Rey) vaqueiro cria a meia vacas com o Coronel Moraes (Milton Rosa), quando vai entregar o gado, das 12, morrem 4. E o Coronel afirma que não há acerto pois as que morreram eram de Manuel não dele. Manuel questiona e o Coronel diz: “(...) tá dito. A lei tá comigo (...). cê num tem direito a vaca nenhuma.” Moraes chicoteia o vaqueiro que o mata. Jagunços vão atrás matam a mãe de Manuel que revida e mata 2 jagunços. Ele e Rosa (Ioná Magalhães) fogem e encontram o Beato Sebastião (Lídio Silva), uma espécie de Antônio Conselheiro. Este é o deus do nome do filme. O vaqueiro é fiel ao santo, mas a esposa é muita cética. Quando o beato sacrifica uma criança Rosa mata o santo, enquanto isso o pistoleiro Antônio das Mortes (Maurício do Valle), contratado, começa a exterminar os seguidores do beato. O casal foge pela caatinga guiado pelo cego Júlio (Roque Santos) e encontram Corisco (Othon Bastos) um cangaceiro loiro, o diabo. Manuel e

Rosa passam de um messianismo religioso para um representante da revolta popular, ambos ambíguos e violentos. Antônio das Mortes aparece novamente para matar Corisco para ter um mundo sem a cegueira de deus e nem do diabo. Bernardet (2007) considera Antônio das Mortes, o matador de aluguel, emblemático por representar a classe média brasileira: ambígua, dividida entre povo e oligarquias, opressora, excludente, mas com pequenas esperanças de transformação. Ele diz ao cego Júlio que depois de matar Corisco se matará também.

As personagens sínteses são: Manuel Vaqueiro/Rosa, Beato Sebastião, Cangaceiro Corisco e o Pistoleiro Antônio das Mortes. Para efeito da análise das novas tecnologias, aqui entendidas como pano novo remendando o velho. Manuel e Rosa é o povo brasileiro excluído, vivendo de subemprego, lutando pela sobrevivência buscando um futuro extraindo esperança de tudo e com uma fé inabalável. Sebastião é o místico aquele que acredita que a fé inocente em uma divindade será a solução para tudo, mesmo que não haja limites morais na visão religiosa, já que é submetido a uma ideia de divindade. Corisco é a revolta popular que se manifesta de forma contraditória ao visualizar um inimigo que deve ser destruído, prescindindo de incidência política, pois o foco é derrubar quaisquer obstáculos que são visíveis sem compreender o local em que está inserido, mas que na hora da morte reconhece onde está a solução ao gritar: “mais fortes são os poderes do povo!”. Antônio das Mortes é o ser estranho que vê desordem no povo e não acredita nas soluções apresentadas pelo misticismo e nem pela revolta popular pode isso destrói os dois na esperança de aparecer algo no lugar.

Estudiosos dizem que a educação atual é a educação 2.0 (Gabriel, 2013) que se caracteriza, dentre outras coisas, por educação contínua ou aprendizagem por toda a vida; por aprendizagem fragmentada (múltiplas plataformas) e descentralizada (de muitos para muitos); educação personalizada ou individualizada considerando a necessidade e a potencialidade da pessoa; aprendizagem ativa que parte do estudante; estudos que complementam conhecimentos articulados combinados com acesso as novas tecnologias disponibilizadas e docente mediador e interface que se destaca por mediar o conhecimento e escolher a informação e provocar a reflexão sobre ela. Esse modelo de educação contempla procedimentos e meios, mas devolve ao ser aprendiz a responsabilidade por conduzir, reconhecer e produzir o conhecimento, claro que tudo isso exige que o estudante já tenha conhecimentos básicos desenvolvidos na própria escola, ocorre que tal base não é partilhada ou compreendida pela maioria dos alunos brasileiros devido a uma educação escolar lacunar, fragmentada e falha em seus pressupostos fundamentais, tais fragilidades são detectadas em todas as avaliações externas feitas nos sistemas de educação brasileiros.

Se a avaliação da educação brasileira for segmentada se perceberá: quem são os analfabetos funcionais? Quais as escolas não oferecem o necessário para a aprendizagem? Quem da população não teve acesso aos conteúdos necessários para dar continuidade ao seu processo escolar? Quem tem acesso a educação superior? Quem conclui os estudos iniciados? Haverá desigualdade entre negros e brancos, entre pobres e ricos, entre periféricos e aqueles que moram em setores ditos nobres, entre aqueles que possuem pais escolarizados e aqueles que não possuem.

Os desiguais neste processo ficam como Rosa e Manuel buscam ter sucesso fazendo o que seus pais fizeram e vivem a vida como as gerações anteriores. Quando conseguem algo o Coronel Moraes reafirma seu lugar social de destino, que é a exclusão. Se superam essa contingência buscam a alternativa que chama mais a atenção pode ser a saída ilusória, no caso mística, que transfere a submissão de lugar do coronel para o beato, embora sejam lugares diferentes o poder utilizado é da mesma natureza. Se há uma ruptura podem cair no meio mais rápido e eficiente a violência contra si e contra os seus, aí estão no jugo do cangaceiro. Nesses movimentos são perscrutados pelo pistoleiro, que está na mesma categoria social, mas se vê investido do poder de acabar com as duas saídas encontradas pelo povo. Antônio das Mortes poderia ser o poder legal, a meritocracia, a exclusão, o sistema prisional, como diz Jessé Souza (2018):

Para os estratos da classe média, sobretudo de sua massa, ameaçada de proletarização, a violência fascista passa a ser tentadora. Como esses setores são “meritocráticos”,

a alternativa seria a de verem a si próprios como “fracassados” e culpados pelo próprio fracasso. O fascismo permite “exportar” a agressividade que seria dirigida contra si mesmo – levando ao alcoolismo e a outras formas autodestrutivas – para um **bode expiatório** (Souza, 2018, p. 162 – Grifo nosso).

O bode expiatório pode ser os negros, as mulheres, os pobres, as pessoas com deficiência, as pessoas empoderadas, as cotas etc. Há racionalidade moderna no extermínio provocado por Antônio das Mortes. Assim podem ser compreendidas as novas tecnologias como panaceia que resolverá todos os problemas da educação desde que a pessoa tem o mínimo de conhecimento técnico e acesso a rede mundial de computadores, nada mais falso ou ilusório. Não basta aplicar novas metodologias e nem novos procedimentos para resolver problemas que são históricos e estruturais.

Tem um outro lado nefasto, considerando Antônio das Mortes como as novas tecnologias, como se sabe mosteiros eram as casas religiosas da idade média, se caracterizavam por levar jovens para uma bolha, onde deveriam orar e trabalhar. Eles se tornaram centros de cultura e foram responsáveis pelo ensino nessa fase da história. A escola é, ou deveria ser, uma espécie de mosteiro onde no seu espaço se cuida e se produz conhecimento e quem está no espaço, quando sair, será o tributário de todo o conhecimento ali preservado e guardado. Na racionalidade do pistoleiro das Mortes esse é um espaço a ser destruído. Esse é lado nefasto de se considerar as novas tecnologias como salvação da escola. Elas podem contribuir, podem superar alguns equívocos procedentes da escola fordista, gerencialista e autoritária, mas a solução das mazelas da educação brasileira vai muito além de meras mudanças tecnológicas.

Agora chegamos (será?) num impasse. A educação para Manuel e Rosa não está no beato Sebastião, nem no cangaceiro Corisco e nem na sanha destruidora do pistoleiro Antônio das Mortes, embora do ponto de vista histórico tanto o misticismo, quando a revolta popular, quanto a ideia de destruição permanente sem colocar nada no lugar é componente e integra a educação escolar brasileira. Reconhecer e compreender isso nos poupa saídas mágicas ou fáceis.

A seguir dentro dos limites deste artigo apresento algumas possibilidades de saída da crise sistemática da educação, mesmo sabendo como Darcy Ribeiro (1986) que a “a crise na educação brasileira não é uma crise, é um projeto”.

## Considerações finais

A sociedade brasileira a partir do final da década de 1970 retomou, em parte, sua luta por direitos esse processo está plasmado no texto da Constituição de 1988, ali se preconiza um Estado Social promotor e garantidor de direitos que seria construído de forma processual por políticas públicas inclusivas, dentre elas a educação pública, no texto constituição a educação ganha status de Direito Social, ao mesmo tempo que havia esse esforço nacional no mundo tinha início a agenda neoliberal que preconizava a redução do Estado, o controle dos gastos públicos, a predominância da iniciativa privada e a atenuação da atuação da Administração Pública como garantidora e promotora dos direitos humanos. De certa forma esse conflito entre a implantação do Estado para todos e sua redução é a dinâmica que tem guiado a disputa política no país até este ano de 2024.

Enquanto se estabelecia a disputa entre o Estado de Bem-estar Social e o Estado Neoliberal a revolução técnico científica informacional tomava corpo a partir de uma rede rudimentar de comunicação criada entre aparelhos pelo exército dos EUA (Castells, 2013), nota-se instrumento criado pelo Estado no âmbito de universidades, após capturado pelas empresas privadas que geraram as Big Techs que hoje possuem rede e receita maior que muitos países e de certa forma controlam a governança global.

Uma das possibilidades para iniciar a solução para a crise educacional é voltar aos

fundamentos da Constituição de 1988: respeito a dignidade da pessoa humana, garantia da democracia cidadã e inclusiva, a propriedade ter função social, educação para todos e todas de acordo com sua necessidade e potencialidade, dentre outras coisas. Aqui é necessário recordar o discurso de Ulisses Guimarães quando da promulgação da constituição no dia 05 de outubro de 1988:

Quanto a (...) [Constituição], discordar, sim. Divergir, sim. Descumprir, jamais. Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da pátria. (...) Temos ódio à ditadura. Ódio e nojo. Amaldiçoamos a tirania onde quer que ela desgrace homens e nações. Principalmente na América Latina.

Em relatório o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD (2016) chega aos seguintes resultados que dos 7,4 bilhões de habitantes da terra somente 3,2 bilhões possuem acesso a internet e desses somente 1,1 bilhão tem acesso a internet de alta velocidade, lógico que os percentuais hoje serão distintos, mas, provavelmente, não houve alteração dessa desigualdade estrutural e histórica. No Brasil essa disparidade estará presente, então para se discutir acesso adequado à internet para que o estudante tenha reais condições de estudar mediado por tecnologias essas assimetrias devem ser levadas em conta.

Não se trata, como conclusão, de deixar de utilizar novas tecnologias na educação superior, mas sim de tratar essa utilização de forma pedagógica e intencional.

Para Hugo Assmann (1998) há que se pensar em uma ecologia cognitiva em o ser torna-se aprendente em espaço vivente e reprodutor da vida. “Onde não se propiciam processos vitais tampouco se favorecem processos de conhecimento. Isto vale tanto para o plano biofísico quanto para a inter-relação comunicativa em todos os níveis da sociedade.” (Assmann, 1998, p. 26). Para ele: “aprender é construir mundos onde caibam todos. Mundos onde caibam outros mundos. Campos semânticos que tenham interfaces com outros campos do sentido” (Assmann, 1998, p. 111). Assim para o autor a operacionalidade técnica, ou seja, as novas tecnologias devem pressupor uma ética de consensos gerar aprendizagem que é um processo pessoal e coletivo de estar aprendendo, uma aprendizagem que é fenômeno vital de conhecimento.

Para Moraes (2021):

A aprendizagem é uma atividade humana de extrema complexidade, na qual as dimensões cognitivas, motoras, psicossociais, culturais e espirituais se mesclam em uma dinâmica operacional nutrida por uma realidade histórica e sociocultural que alimenta os demais elementos estruturantes do ato pedagógico. **É algo que não se repete; um fenômeno interpretativo da realidade e que pressupõe construção, desconstrução e reconstrução, jamais reprodução, determinismo externo, passividade e subserviência.** A aprendizagem é, portanto, um fenômeno biológico de natureza complexa e que pressupõe o envolvimento das múltiplas dimensões do SER, em total integração com o CONHECER e o FAZER (Moraes, 2021, p. 253 – Grifo nosso).

Sim, o conhecimento é construção, desconstrução e reconstrução, não é reprodução automática, nem determinismo externo, comportamento passivo e subserviente, porque é um ato humano denso de significado que pode propiciar o ser vivo gerar a vida de forma interativa na ecologia que faz parte.

Talvez, em um Estado Social de bem-estar, com uma educação aprendente que interage e se integra em todos os processos todos os que aprendem e geram aprendizagem em que o conhecimento seja produto integrado gerado em processos emancipatórios autônomos sinérgicos complexos que garantam a continuidade da vida as novas tecnologias podem emancipar Manuel, Rosa, Sebastião, Corisco e Antônio tirando-os do determinismo externo,



da passividade, da revolta sem sentido e da subserviência imposta pelos sistemas de poder consolidados na sociedade contemporânea.

## Referências

AGUIAR, Claudio. **Francisco Julião: uma biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação, rumo à sociedade aprendente**. 8ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da modernidade**. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editor, 1998.

BENTHAM, Jeremy. **Panopticon; or, the Inspection-House**. Londres: T. Payne, 1791.

BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema, ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIRD. **Digital Dividends. Relatory**. World Bank Group., 2016

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019.

CAMARGO, Murilo Silva e NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Darcy Ribeiro e a UnB: A Universidade Necessária no Século XXI**. Brasília: Editora UnB. 2022.

CARVALHO, Sebastião Donizete de. **O Povo Messiânico: o messianismo político em Glauber Rocha**. São Paulo: Dialética: 2020.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 4ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

**DEUS e o diabo na terra do sol**. Direção: Glauber Rocha. Produtores: Jarbas Barbosa, Luiz Augusto Mendes, Luiz Paulino dos Santos e Glauber Rocha. São Paulo: Instituto Moreira Salles. 2020. 2 DVDs.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do estado**. 2ª Ed. Petrópolis – RJ: Vozes: 1991.

GABRIEL, Martha. **Educar, a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo – SP, Unesp, 1991.

GUIMARÃES, Ulysses. **Discurso do presidente da Assembleia Nacional Constituinte** in <https://www.camara.leg.br/radio/programas/277285-integra-do-discurso-presidente-da-assembleia-nacional-constituente-dr-ulysses-guimaraes-10-23/> acessado em 30 de maio de 2024.

- FERNANDES, Florestan. **A Constituição Inacabada**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. O nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- JAMESON, Fredric. **Reificação e Utopia na Cultura de Massa**. In: Crítica Marxista, Vol. I, n.º 1, Editora Brasiliense, SP, 1994.
- JAMESON, Fredric. **A Cultura do Dinheiro**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2001.
- JAMESON, Fredric. **Pós Modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2ª Ed. São Paulo - SP, Editora Ática, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- LAMPEDUSA, Giuseppi Tomasi de. **Il Gattopardo**. Milão: Feltrinelli, 1958.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro, José Olimpo Editora, 1998, 5ª Edição.
- LOVATTO, Angélica. **Os Cadernos do povo brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960: um projeto de revolução brasileira**. Tese de Doutorado. PUC São Paulo, 2010.
- MORAES, Dênis de. **A esquerda e o golpe de 1964**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- MORAES, Maria Cândida. **Paradigma Educacional Ecológico, por uma nova ecologia da aprendizagem humana**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2021.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- KUHNER, Maria Helena. **Opinião - para ter opinião**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho, sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.
- SOBRAL - O homem que não tinha preço**. Documentário. Direção: Paula Fiuza. Roteiro: Paula Fiuza. Produtores: Casé Filmes e Canal Laranja. Rio de Janeiro: Casé Filmes. 2012. 1 DVD.
- STRINATI, Dominic. **Cultura Popular - Uma introdução**. 1ª Edição, São Paulo: Hedra, 1999.
- VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo - SP, Pioneira, 1999;
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Vol. 1 Brasília - DF, UNB, 1995.
- WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt, história, desenvolvimento teórico, significação política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

Recebido em: 04 de agosto de 2024.  
Aceito em: 24 de outubro de 2024.